

**Mesa Redonda** “Acervos e patrimônio: compreender e rememorar a imigração italiana em Belo Horizonte e Minas Gerais”.

## **TRATAR DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: possibilidades de acervo e pesquisa no Museu Histórico Abílio Barreto**

Luiz Henrique Assis Garcia<sup>1</sup>

Ao escolher o título desta apresentação, procurei um verbo que pudesse expressar simultaneamente as três dimensões essenciais e interligadas do trabalho em museus: preservação, investigação e comunicação. O entendimento de que a preservação dos bens culturais nessas instituições só se justifica na medida em que propicia a produção de novos conhecimentos e sua efetiva divulgação é uma premissa indispensável para a discussão que se segue.

Entretanto, um sentido que gostaria de evitar é o que remete a “curar, remediar”, como se o trabalho feito fosse capaz de restituir uma inteireza, uma completude perdida ou ameaçada. Não se trata disso. Não sou adepto de uma história “bombeira”, que se prontifica ao “resgate”. Questões novas, postas por preocupações presentes, levam tanto ao rearranjo dos vestígios já guardados do passado quanto à busca por outras evidências sobre o mesmo, cujo entendimento se dá sempre desde o ponto de vista do “agora”. Faço então este trato com o leitor: não cabe esperar que se reconstitua tal e qual foi a história da imigração italiana (ou qualquer outra história, afinal), mas sim de apresentar *possibilidades* para compreendê-la e rememorá-la.

Com o intuito de alinhar melhor as reflexões sobre pesquisa e acervo, optei por adotar como fio condutor uma apreciação sobre a realização e os resultados de uma exposição com a qual estive profundamente envolvido <sup>2</sup>, “*De outras terras, de outro mar...*”, exibida no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), de Belo Horizonte, entre setembro de 2004 e agosto do ano seguinte. Primeiramente, pretendo abordar a conjuntura institucional em que foi proposta e executada, para em seguida explorar a experiência de pesquisa e seleção de acervo que propiciou. Mostrarei, por fim, como a articulação de ambos contribuiu para a abertura de possibilidades de atuação da

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFMG e coordenador do Setor de Pesquisa do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), Belo Horizonte – MG.

<sup>2</sup> Além de coordenar a pesquisa, fui um dos curadores da mostra.

instituição nas três dimensões do trabalho museológico. Gostaria de assinalar que optei por ajustar o foco da apresentação ao tema proposto pela mesa, muito embora a exposição em questão não versasse exclusivamente sobre imigração italiana. Creio que isso não traz qualquer prejuízo, até porque é farto o material disponível para proceder à abordagem de acordo com o objeto proposto.

### **A conjuntura institucional**

Entre 1993 e 2003, o MHAB sofreu mudanças estruturais de suma importância para sua renovação<sup>3</sup>. Ao completar 60 anos<sup>4</sup>, a trajetória da instituição a conduziu em direção a perspectivas teóricas e metodológicas contemporâneas da História como área de conhecimento, instigando seu corpo técnico a repensar as concepções até então adotadas sobre os Museus Históricos de cidades. Como este processo encontra-se bem descrito e avaliado, pretendo apenas destacar que tal postura implicou a análise crítica da constituição do acervo do museu e reforçou a percepção de que a pesquisa histórica deveria ser uma prioridade. O debate realizado naquele período, em linhas gerais, constatou que:

[...] o espaço urbano, ao ser construído e disputado, é atravessado por múltiplas temporalidades, modos de apropriação e usos sociais diversificados, e, muitas vezes, conflitantes [...] Deste ponto de vista, tornou-se fundamental para o museu contemplar a diversidade dos documentos e das representações socialmente engendradas sobre a cidade e sua história, bem como democratizar a definição do acervo a ser adquirido, considerando os vários atores sociais que delas participam. (GARCIA, 2009, p.1)

Desse modo, a reflexão sinalizava que a disposição de atualizar os métodos de investigação historiográfica implicava também a renovação da política de acervos. Noto que ambos compartilham um mesmo ponto de inflexão na história recente do museu, pois em 2003 foram criados o Setor de Pesquisa e a Comissão Permanente de

---

<sup>3</sup> Esse período passou a ser denominado “processo de revitalização” no âmbito da instituição. Cf. PIMENTEL, 2004.

<sup>4</sup> *MHAB: 60 anos de história: caderno 1 e caderno 2*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

Política de Acervo, eventos em que, na posição de técnico e pesquisador recém incorporado aos quadros do MHAB, estive diretamente envolvido<sup>5</sup>:

A intenção de estruturar melhor o trabalho de pesquisa histórica ganhou forma na criação de um setor técnico específico que a partir de então passou a atuar em diversas frentes de investigação, apoiando a realização de exposições, publicações e outras ações do museu. A criação da Comissão Permanente de Política de Acervo, oficializada após a realização de um fórum técnico em maio daquele ano, permitiu finalmente ao MHAB coordenar todo o processo, estabelecendo práticas administrativas e arquivísticas adequadas ao correto encaminhamento de doações, transferências e descartes envolvidos. (GARCIA, 2009, p.4)

Ainda nesse mesmo ano, iniciou-se o processo de concepção da já referida exposição de média duração, prevista para abertura ao público no ano seguinte. Seu título provisório (depois incorporado como subtítulo), “*Experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*”, deixava clara uma opção metodológica que se propunha a aplicar a atualização então demandada. Já nas primeiras linhas produzidas essa postura fica evidente:

Quais são as implicações, para Belo Horizonte, da presença dos imigrantes estrangeiros? E, para estes, as implicações de viver nesta cidade? Temos, antes de tudo, a problematização da cidade em seu espaço e seu tempo, como eixo condutor das interrogações que abordam o fenômeno “imigração estrangeira”. Dessa forma, queremos saber que cidade é esta que abre ou fecha portas, que deixa ou impede que sua fisionomia seja marcada pela presença dos que chegam, vindos de outros países. E, da outra ponta, o que os conduz a Belo Horizonte? Qual a diferença entre a cidade esperada e a encontrada? Entre o mundo que deixaram para trás e aquele que encontraram adiante? [...] Desse modo, é através da abordagem das experiências individuais e coletivas dos imigrantes estrangeiros que a pesquisa pretendeu criar condições de entendimento das formas em que tal fenômeno vem ocorrendo em Belo Horizonte<sup>6</sup>.

Desde o início havia a certeza de que tais questões, colocadas no marco atual da historiografia sobre cidades, aberta ao diálogo interdisciplinar e aos cortes cronológicos que incorporam a sociedade contemporânea, iriam inevitavelmente trazer

---

<sup>5</sup> Um dos fundadores da Comissão, dela fui membro entre jun./2003 e dez./2005. Coordeno o Setor de Pesquisa desde jan./2003.

<sup>6</sup> GARCIA, Luiz Henrique A.; PIMENTEL, T. V. C.; VASCONCELOS, L. J.; RODRIGUES, Rita. L.; BERNARDO, Sirlene; BARROS, Fabiano B. *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004 (Catálogo de exposição).

desafios para a realização da pesquisa, ao mesmo tempo em que colocariam à prova os limites do acervo pertencente ao MHAB.

Mas o cenário para que os obstáculos fossem enfrentados era favorável. A preocupação da instituição em privilegiar a pesquisa materializou-se na constituição de uma equipe<sup>7</sup> qualificada e academicamente credenciada, organizada a partir do Setor de Pesquisa. As reflexões realizadas até aquele momento propunham uma nova postura diante do acervo – a possibilidade de ressignificá-lo constantemente através de novas perguntas e práticas de investigação, além do reconhecimento de sua limitada representatividade diante de parâmetros de busca que incorporavam outras visões sobre a cidade e seus habitantes. As discussões em torno da política de acervo, por sua vez, sinalizavam a intenção de aprimorar o processo de aquisição, inclusive no sentido de torná-lo mais democrático. Diante disso, cabia imaginar uma exposição em que a pesquisa pudesse levantar e selecionar acervo fora do museu, não apenas em instituições de guarda às quais ele tradicionalmente recorria, mas junto aos próprios cidadãos, localizados a partir de sua condição de imigrantes estrangeiros. É desse trabalho que falarei a seguir.

### **A experiência de pesquisa e seleção de acervo**

Dada a complexidade e grande extensão do material produzido durante a pesquisa realizada para a exposição, além da necessidade de adequar o conteúdo da apresentação ao formato da mesa, preferi tratar o assunto a partir de duas chaves, dedicando, em cada uma delas, especial atenção aos pontos relativos à imigração italiana. Embora seja uma narrativa que funciona simultaneamente como rememoração e avaliação do trabalho feito, acredito que compartilhar alguma experiência neste caso possa implicar também em sugerir possibilidades, lançar pistas que podem servir de ponto de partida para novas investigações. Começarei pela pesquisa realizada a partir do acervo do MHAB, para depois abordar os trabalhos externos, dando destaque aos realizados junto aos imigrantes e seus familiares. Evidentemente, essa separação não se deu durante a prática da pesquisa. Ao contrário: a equipe procurava na cidade o paradeiro das histórias que conhecia através da documentação guardada no museu, e

---

<sup>7</sup> Agradecimento a todos que participaram. A composição da equipe no ano de 2005 era: Pesquisadores: Lucas J. Vasconcelos (mestre); Rita L. Rodrigues (mestre); Sirlene Bernardo (graduada). Estagiários: Fabiano Buchholz de Barros; Joanna Guimarães Fernandes; Denise Costa Nunes Coelho. Coordenador: Luiz Henrique Assis Garcia (mestre e doutorando).

buscava em seu acervo pontos de contato com os fios de histórias puxados nas conversas com as pessoas e nas visitas a suas casas.

A busca pelos imigrantes seguiu basicamente duas linhas de investigação. Uma assinalava trajetórias individuais, naquilo que poderiam evidenciar da experiência da imigração e da ligação do sujeito com a cidade, guiada por sobrenomes e dados biográficos que podiam ser pinçados na bibliografia consultada ou obtidos “em campo”, através de contatos que fazíamos em lugares identificados a um dado grupo, ou mesmo através de redes de conhecimento interpessoal. Outra procurava por momentos e espaços de atuação coletiva, fosse em instituições ou empreendimentos participantes das mais diversas esferas da vida social, fosse nos recortes cronológicos em que tal atuação pudesse ser percebida.

No acervo do MHAB encontra-se documentação pertinente seguindo as duas direções. Dadas a forma e a história da constituição de suas coleções, o inevitável destaque é para o acervo referente às primeiras décadas da história da cidade, especialmente o período da construção da nova capital, este particularmente relevante quando se trata da presença dos imigrantes italianos (em 1896, entraram oficialmente em Minas Gerais 18.999 italianos, contra 3.002 espanhóis e 448 portugueses). Na área da construção civil, numa grande gama de atividades, é possível encontrá-la em grande peso. Um dos procedimentos adotados foi mapear, a partir do *Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte*, as referências a italianos, cruzando-as, através das obras em que estiveram envolvidos, com o acervo fotográfico do MHAB. Encontramos ligações em bom número na maioria dos verbetes. Apenas a título de exemplo, segue um verbete identificado, associado à descrição da obra e código de catalogação da foto respectiva:

**LUNARDI, Estêvão** (Pádua/Itália, 1877 – Belo Horizonte/MG, 1942). Marmorista, industrial, comerciante e fotógrafo.

Estação Central do Brasil - CC.FOT.1895/014

Projeto da Estação Central e Praça Rui Barbosa – BH.ALB.01/036

Vista da entrada do Cemitério do Bonfim – BH.ALB.07/209; BH.URB.1938/019

Vista parcial do Centro. Acaiaca em construção – BH.ALB.07/354; BH.ALB.13/094

Edifício Acaiaca (Parque Municipal tendo ao fundo o Acaiaca) – BH.ALB.13/099

Edifício Acaiaca (Av. Afonso Pena tendo ao fundo o Acaiaca em construção) – BH.ALB.13/110

Vista parcial – Avenida Afonso Pena – Ed. Sulacap-Sulamérica: Acaiaca em construção – BH.ALB.07/403

Vista parcial – Ed. Acaiaca em construção e Sulacap-Sulamérica – vistos da Igreja São José – BH.ALB.07/412

Edifício Acaiaca – BH.ALB.11/058

Avenida Afonso Pena – Edifício Mariana e Banlavoura – BH.ALB.11/069; BH.ALB.11/081

Edifício Clemente Faria (Banlavoura) – BH.ALB.114/84

Edifício Acaiaca e Sulacap-Sulamérica – BH.ALB.11/079

Edifícios Banlavoura, Brasil Palace e Acaiaca – BH.ALB.11/094

Cartão Postal. Estação Ferroviária Central do Brasil – BH.CAP.1975/010ATAT

A Arte e a Natureza. Estátua de uma Leoa no Jardim da Praça da Estação – BH.URB.1973/103

Praça da Estação (Pça Rui Barbosa) – BH.URB.1935/019 (G) AT; BH.URB.1935/026 (FG) AT; BH.COT.1935/029 AT

O mesmo processo de identificação de acervo foi aplicado a todos os imigrantes italianos que constavam do dicionário, fossem eles empreiteiros, escultores ou mestres de obras. Entre tantos nomes encontrados, estava o de Luiz Olivieri. Significativamente, era ele até então o único italiano ao qual correspondia uma coleção específica na instituição, integrante do acervo fotográfico. Daí foram selecionadas uma foto de Olivieri com a família (LO.FOT.003/1910), que compôs o mosaico montado na área de acesso à exposição, e outra dele pintando (LO.FOT.004/1910), posicionada na seção dedicada aos anos de formação inicial da cidade. Sua trajetória como arquiteto, desenhista, escultor e pintor, atravessa o acervo em outras direções também. É o que mostra o quadro abaixo, elencando objetos tridimensionais que foram expostos, alguns exemplares de sua produção artística e outros de uso pessoal:

**Tabela 1 - Objetos do Acervo MHAB presentes na Exposição**

ESTATUETA FEITA POR LUIZ OLIVIERI (TIPOS POPULARES) - MANOEL CREOULO, JABURU, MINGOTE, JOSÉ JACINTO DAS	MHAB - 0058/93; 0059/93; 0060/93; 0063/93; 0064/93; 0065/93; 0068/93
---	--

NEVES, SENHOR SEVANIR, MANOEL DAS MOÇAS, MUQUIRANA	
PEÇA QUE PERTENCEU A LUIZ OLIVIERI - COFRE ARTÍSTICO COM FECHO SECRETO	MHAB - 0042/93
PEÇA QUE PERTENCEU A LUIZ OLIVIERI - DESPERTADOR - MÁQUINA DE COAR CAFÉ	MHAB - 0054/93
BANDEJA - CINZEIRO QUE PERTENCEU A LUIZ OLIVIERI	MHAB - 0276/93
BULE P/ CHÁ EM METAL PRATEADO - PERTENCEU A LUIZ OLIVIERI	MHAB - 0309/93
REPRESENTAÇÃO DE ROSTO DO DR. WENCESLAU BRAZ P. GOMES FEITA POR LUIZ OLIVIERI	MHAB 0496/94

Temos aí um mesmo indivíduo cuja vida a pesquisa possibilitou abordar em sua dimensão privada e pública. Na maioria das vezes, porém, os registros que encontramos propiciaram mais elementos para mapear a atuação profissional e os empreendimentos empresariais. Isso ficou particularmente evidente para as primeiras décadas do século XX, período que chamamos de formação da cidade, em que houve um fluxo bem menor de chegadas com a conclusão das obras <sup>8</sup>, mas abriram-se campos de trabalho propícios para o estabelecimento dos recém-chegados nas áreas em expansão, como comércio, indústria e prestação de serviços. Um rápido exame do acervo fotográfico referente ao período identificado pela pesquisa e escolhido para a exposição mostra bem isso: **Padaria Ítalo-Brasileira** (BH.URB.1942-003); **Alfaiataria Callotti e Alessio** (BH.URB.1915-005); **Cerâmica Poni e Josué** (BH.URB.1930-007); **Fábrica de Carros e Carroças Chiari** (BH.RET.1914-003); **Fábrica de Chapéus de**

---

<sup>8</sup> O recenseamento feito em 1905 mostra 2.486 estrangeiros residentes para um total de 17.615 habitantes, ou seja, aproximadamente 14% da população. Números posteriores evidenciam o declínio da proporção de estrangeiros. Em 1912 eram 11,3%, em 1920 8,7%. Cf. GARCIA, 2004.

**Sol Ferretti** (BH.COT.1915-001); **Inauguração da Sede das Massas Martini** (BH.COT.1947-002); **Coche de Aluguel de Eugênio Volpini** (BH.COT.1905-001).

A pesquisa indicou também que Belo Horizonte não era então a opção inicial “(...) *do imigrante estrangeiro ‘em potencial’, a não ser nos casos específicos em que a presença de parentes ou amigos lhe permitia vislumbrar um começo menos incerto*”<sup>9</sup>. Foi o caso do químico e pintor Pedro Micussi. Nascido na Artegna, província de Udne, Itália, no ano de 1885, que aqui chegou aos 25 anos. Vindo de Buenos Aires, foi trabalhar na construção da estação de Pirapora, para só depois estabelecer-se Belo Horizonte, onde inicialmente trabalhou com o irmão e, em 1922, fundou a Tamietti e Micussi, primeira fábrica de tintas de Belo Horizonte, com a denominação de Fábrica de Tintas Sereia.

Numa feliz conjunção de situações, durante o período de preparação da exposição, sua família, motivada inclusive pela eminente inauguração da mesma, doou ao MHAB uma série de objetos e documentos pessoais, que vieram a compor a Coleção Pedro Micussi. Tal oportuna aquisição motivou inclusive uma alteração do módulo dedicado às trajetórias individuais, a fim de dar o devido destaque à coleção incorporada, ainda que tenha sido utilizada também em outros módulos. Esse acervo possibilitava, com raro detalhamento, a investigação de aspectos referentes à vida pública e privada de um imigrante italiano daquele período. De fato, ainda está por ser feita uma pesquisa mais pormenorizada dessa documentação, em especial do diário de memórias em 3 volumes acrescidos de anotações avulsas, que contêm várias passagens significativas sobre o cotidiano em Belo Horizonte.

---

<sup>9</sup> Cf. GARCIA, 2004.



**Tabela 2 – Acervo trajetórias individuais, Coleção Pedro Micussi/MHAB**

DIÁRIO DE MEMÓRIAS DE PEDRO MICUSSI	OBJETO	Coleção Pedro Micussi/MHAB
PASSAPORTE/1911/1933	TEXTUAL	
BOLETIM ESCOLAR	TEXTUAL	
CARTEIRA CONSELHO REGIONAL DE QUÍMICA	OBJETO	
REPORTAGEM DE JORNAL	TEXTUAL	
CARTÃO DE VISITAS	TEXTUAL	
CERTIDÃO DE CASAMENTO	TEXTUAL	
REGISTRO DE ÓBITO	TEXTUAL	
REFORMA MILITAR, AFASTAMENTO DA ITÁLIA (1905); ORDEM DOS PIONEIROS (OFÍCIO DA PBH DE 1973 E CERTIFICADO); CERTIDÃO DE CASAMENTO; REGISTRO DE ÓBITO.	TEXTUAL	

Uma situação parecida ocorreu também com o acervo que viria a formar a Coleção Raffaello Berti. Seu trabalho como arquiteto podia ser evidenciado no acervo em fotos de edificações que projetara, como a Casa d'Itália e o Colégio Marconi. A notícia da realização da exposição certamente contribuiu para que, em meados de 2004, Silma, viúva de Mário, filho que conservara com zelo o acervo do escritório (incluindo mais de 500 projetos arquitetônicos) e de parte da biblioteca particular de Raffaello Berti, oferecesse ao MHAB a doação dessa série de itens. Em função da complexidade e volume dos itens, que demandaram procedimentos mais delongados da Comissão Permanente de Política de Acervo, não foi possível incorporar a nova Coleção a tempo de utilizá-la na exposição, naquele momento encaminhando-se para o início da montagem. A doação veio a concretizar-se em abril de 2005, e a Coleção veio posteriormente a ser tema da 10ª edição do Álbum MHAB, lançada em 2008. Desse modo, guarda ainda grande potencial para pesquisa e utilização em exposições futuras.

Uma pesquisa bem mais pormenorizada no acervo textual, com apoio da bibliografia, pôde revelar detalhes do cotidiano. Desse modo foi possível, ainda que obliquamente, extrapolar as evidências mais óbvias que apontavam para as ocupações profissionais ou comerciais. Foi possível assim tecer considerações sobre condições sociais, de moradia, relações familiares ou formas de socialização, com destaque aí para a criação das sociedades de mútuo socorro. A documentação da Comissão Construtora,

caso lida com acuidade, pode também dar a conhecer muito sobre as condições de vida, como no registro do subdelegado, capitão Lopes Oliveira, ao engenheiro-chefe, Francisco Bicalho, comunicando a descoberta do cadáver do italiano Francisco Farnanalli, enterrado na Serra do Curral. A violência e os conflitos de ordem social faziam-se presentes constantemente entre os imigrantes italianos, muitos dos quais viviam em condições bastante adversas, nos alojamentos e bairros periféricos. Caberia certamente realizar pesquisas que se debruçassem com mais intensidade sobre tais aspectos sociais.

Tratarei a partir de agora da pesquisa realizada fora das dependências do MHAB. Desde o início, esta foi definida em duas linhas de frente. Uma era a procura por fontes de pesquisa e acervo em instituições (consulados, escolas, agremiações) e empresas (das grandes indústrias aos negócios familiares). Outra a busca de imigrantes estrangeiros ou, no caso dos falecidos, de seus descendentes, localizados até mesmo pela lista telefônica ou em trabalhos de campo, com o objetivo de obter entrevistas e/ou acervo particular. Se nas primeiras a equipe encontrava via de regra uma visão “oficiosa” que se apresentava no material que lhe era oferecido, era também uma memória triada a que estava guardada nas caixas de sapato e fundos de armário das casas que visitava. Ainda assim, em geral o acervo ali identificado guardava mais surpresas, acrescidas da recepção atenciosa de que éramos alvo. Muitos foram os itens cedidos por empréstimo, nos mais diferentes suportes, por famílias como Lunardi, Boschi, Peluso ou Maletta.

As entrevistas, por sua vez, representavam um ganho metodológico importante, na medida em que havia a determinação de abordar uma série de aspectos subjetivos conectados à memória e à experiência de imigração em Belo Horizonte. Serviam também para explorar contextos diferentes, sobre os quais o acervo do MHAB não permitia tratar, como no caso do padre italiano Pierluigi Bernareggi, vindo em 1964, cujo depoimento permite abordar questões referentes ao contexto e às profundas discussões de cunho político e social que então permeava a atuação de vários religiosos na cidade. Ou a história de vida de Genaro Antonucci, que chegara na década anterior, que permite ver com seus olhos a cidade em que passou a morar ao longo dos anos. Olhar que igualmente se revela nas fotografias de Giancarlo Palmesi, ainda que suas lentes estejam voltadas para espaços e edificações pertencentes ao presente da capital mineira.

Cumprer notar que os depoimentos, gravados em fita e transcritos, passaram a compor o acervo do MHAB, ainda que até a presente data não tenha ocorrido uma decisão definitiva quanto à forma de seu arranjo e processamento técnico. No caso da exposição, os depoimentos foram explorados tanto na forma de áudio, disponibilizados através de aparatos denominados *soundtubes*, quanto transcritos, expostos em trechos utilizados na composição de painéis. Os depoimentos assim expostos desempenharam um papel muito importante no estabelecimento da narrativa historiográfica proposta para a exposição, pois são simultaneamente fontes documentais e resultado do trabalho de rememoração resultante da interação entre pesquisadores e entrevistados. A seleção de acervo feita junto a particulares guarda um pouco dessa mesma textura, uma vez que o processo também é marcado por uma intensa negociação entre aquilo que o historiador e o cedente consideram representativo para contar a história.

O que é importante salientar, em relação ao trabalho externo de pesquisa e seleção de acervo, é a forte relação deste com o desenvolvimento da capacidade de autocrítica da instituição. Aqui também se aplica o que escrevi discutindo outras ações realizadas pelo MHAB em anos recentes:

Na prática, a seleção do acervo comprovava o que já era intuído nos debates que pautavam as reuniões em torno da política de acervo no MHAB: o que a instituição possuía não dava conta das questões que passáramos a formular. Para perceber e dar voz a diversos atores, até então silenciados, esquecidos, a dimensões da experiência urbana até então negligenciadas, era indispensável ir à cidade, e, mais ainda, não esperar que “ela” fosse ao museu. (GARCIA, 2009, p.9)

Buscar os imigrantes estrangeiros e seus familiares efetuava a noção de que o contato dos pesquisadores com os cidadãos deve ser transformador da realidade social: ao “[...] *aprender os significados sociais dos lugares históricos através da sua discussão com as audiências urbanas [...]*” (HAYDEN, 1996, p.13), o historiador atua como mediador em um processo de democratização do conhecimento histórico sobre a cidade. Se o museu, em sua configuração tradicional, representa uma espécie de “templo” ou “castelo” inexpugnável para grande parte do público, trazer o acervo e a fala produzidos por esse público para dentro da exposição, incorporados como fontes de produção de conhecimento e não elementos decorativos e/ou exóticos, ajuda a escancarar suas portas.

## **Possibilidades abertas**

“*De outras terras, de outro mar...*” foi a primeira exposição em que trabalhei de forma detida e sistemática, desde a concepção até a inauguração. A maior dificuldade, para o pesquisador que não tem ideia do que deve ser fazer isso, é entender que o resultado da pesquisa será a exposição, e não o texto. Mesmo com a produção do catálogo, ou tendo toda a documentação escrita que foi produzida durante o trabalho, registrando o processo do início ao fim, a efetiva comunicação do conhecimento produzido ocorre quando se percorre a exposição. Creio que, ao fazê-lo, qualquer um poderia vislumbrar uma série de temas e possibilidades de investigação sobre a história da imigração estrangeira em geral, e italiana, em particular, na cidade de Belo Horizonte.

Certamente isso aconteceu com os próprios técnicos e pesquisadores do MHAB, pois entre seus resultados é possível reconhecer a realização do Álbum MHAB 2005, diretamente derivado da exposição, algumas aquisições de acervo para as quais forneceu motivação ou pelo menos, pano de fundo, ou mesmo inestimáveis ganhos em experiência de pesquisa e seleção de acervo. As Coleções de Berti e Micussi foram ainda componentes integrados à exposição “Novos acervos – MHAB 2003-2008”, que permanece em cartaz desde fevereiro de 2008.

Por fim, gostaria de tratar essa própria apresentação como ferramenta que, dentro das limitações que o formato de mesa implica, seja útil como artefato destinado a provocar fagulhas, a instigar a curiosidade, a levar ao público mais amplo possível a convicção de que um museu não é lugar dedicado a guardar os testemunhos infalíveis de uma história bem acabada sobre qualquer coisa, mas sim espaço em que a história é conhecida e rememorada a partir dos vestígios que mantém preservados e acessíveis de modo organizado e compreensível para seu público. Na medida em que se abre a cidade ao museu, que o museu se abra à cidade.

## REFERÊNCIAS

GARCIA, Luiz Henrique A. O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte. In: *VII Semana dos Museus USP*. São Paulo, 2009, p. 1-12.

GARCIA, Luiz Henrique A.; PIMENTEL, T. V. C.; VASCONCELOS, L. J.; RODRIGUES, Rita. L.; BERNARDO, Sirlene; BARROS, Fabiano B. *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004 (Catálogo de exposição).

HAYDEN, Dolores. *The power of place: urban landscapes as public history*. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 1996.

PIMENTEL, Thaís V.C. (org.). *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993-2003)*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.